

Luto, memória e judeidade através da escrita em *Lili: novela de um luto*, de Noemi Jaffe

Gabriela Mehl Domingues Kucuruza¹

Recebido em março de 2023

Aceito em novembro de 2023

RESUMO

Em *Lili: novela de um luto*, a escritora judia brasileira Noemi Jaffe constrói os emaranhados da sua experiência do luto pela morte de sua mãe, Lili Jaffe, sobrevivente do Holocausto. O presente ensaio visa elaborar um diálogo socioantropológico com a obra no intuito de explorar conexões entre a elaboração do luto, a memória e os seus laços com a judeidade dentro de referenciais judaico-brasileiros. A partir da análise do conteúdo do livro, abordo a judeidade presente na obra, orientando-me a partir de como a autora articula o lugar das lembranças sobre a história e a vida de sua mãe, as práticas rituais e de escrita que Jaffe desenvolve e como ela aborda os objetos materiais que incorporam o luto. Nesse sentido, acesso como o campo da Antropologia da Morte tem constituído o luto enquanto um espaço relacional e coletivo que nos permite compreender processos sociais, em diálogo com a experiência elaborada pela escritora a respeito de como ela vive o luto através do ato da escrita.

Palavras-chaves: luto; antropologia da morte; Noemi Jaffe; identidade judaica

Grief, memory and Jewishness through writing in Lili Jaffe's *Lili: novela de um luto*

ABSTRACT

In *Lili: novela de um luto* [Lili: a mourning's novel], Brazilian-Jewish writer Noemi Jaffe builds the tangles of her experience of mourning the death of her mother, Lili Jaffe, a Holocaust survivor. This paper aims to develop a socio-anthropological dialogue with her work to explore connections between the elaboration of grief, memory and its ties with Jewishness within Jewish-Brazilian references. From the analysis of the content of the book, I approach the Jewishness present in her work, orienting myself by focusing on how she articulates the place of memory in her mother's story and life, the ritual and writing practices which the author develops and how she approaches the material objects that embody mourning. In this sense, I access how the field of Anthropology of Death has constituted grief as a relational and collective space that allows us to access social processes, in dialogue with the experience elaborated by Jaffe and how she lives mourning through the act of writing.

Keywords: mourning; anthropology of death; Noemi Jaffe; jewish identity

¹ Graduação em Ciências Sociais pelo Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (FGV CPDOC) e assistente de pesquisa na mesma instituição. Pesquisa no Laboratório "Diálogos da Diáspora: racismos e antissemitismo" do Labô – FUNDASP e em grupos de pesquisa do Instituto Brasil-Israel. Rio de Janeiro, Brasil. Email: gabrikucuruza@gmail.com

As coisas revestidas de morte são também as coisas revestidas de vida.

Noemi Jaffe

Introdução

“Quando ela estava morta, eu beijei seu rosto, suas mãos, seu colo. Apertava seu pulso, abraçava seu corpo, chamava: mãe, mãe. Levantava sua mão e a deixava cair.” (JAFJE, 2021, p.7). É assim que começa *Lili: novela de um luto*, narrativa sobre a morte de Lili, mãe da escritora, professora e crítica literária Noemi Jaffe. Relato autobiográfico do processo do luto e do que se constrói durante e após a perda, *Lili* não é somente uma reflexão, mas o próprio enlutamento da autora se transformando através da escrita: “À medida que escrevo isto que, parece, vai se transformando num livro, vou me sentindo um pouco melhor, o que me assusta em muitos sentidos” (Ibidem, p.49).²

O presente artigo busca estabelecer um diálogo socioantropológico com *Lili: novela de um luto*, com o intuito de explorar conexões entre a elaboração do luto, a memória e os seus laços com a judeidade³. Tenho como objetivo, através da novela de Jaffe, pensar modos de viver o luto e, conseqüentemente, a memória que ele evoca, dentro de referenciais judaicos no Brasil contemporâneo. Nesse sentido, espero apreender e acessar, através da escrita da autora, como as recordações da vida são construídas no pós-morte para integrantes de uma comunidade migrante historicamente marginalizada e vítima de opressão e, ainda, o lugar da escrita no processo de sustentação do luto. Dessa forma, abordarei a judeidade presente na obra,

² Esse artigo foi desenvolvido na disciplina “Antropologia 3” ministrada pelos Professores Celso Castro e Silvia Monnerat em 2022 na graduação em Ciências Sociais da FGV CPDOC. Agradeço às pessoas pareceristas pelas sugestões e recomendações inestimáveis para o melhoramento deste trabalho e à leitura atenta de Letícia Marcolan.

³ Cunhado pelo teórico e escritor judeu franco-tunisiano Albert Memmi, o conceito “judeidade” (*judéite*) trata do “[...] o modo como um judeu o é, subjetiva e objetivamente” (MEMMI, 1975, p.45 apud SILVEIRA, 2021, p.19). De acordo com Memmi (Ibidem, p. 46): “A judeidade é o fato e a maneira de ser Judeu; o conjunto das características, vividas e objetivas, sociológicas, psicológicas e biológicas que fazem um judeu; a maneira como vive, a sua inclusão na ‘judaicidade, conjunto de pessoas judias’ e, simultaneamente, a inserção no mundo não judeu”.

entre memória, escrita, comida e objetos materiais no luto, partindo dos debates socioantropológicos sobre o morrer.

A novela de Jaffe dialoga com suas referências culturais sobre como se enlutar. Entre os ritos judaicos e pessoais que ela conta desenvolver e as memórias que vão sendo evocadas ao longo da trama, podemos acessar um repertório mais amplo, que fala tanto do luto na modernidade brasileira, como da transmissão da judeidade, das narrativas sobre imigração e da elaboração da perda. É possível atestar o movimento da constituição das lembranças sobre alguém que morre através da escrita. Este artigo parte de alguns apontamentos metodológicos para construir um fio narrativo que explora primeiro a judeidade da autora e sua história familiar, seguido do luto e das memórias que ele evoca sobre comida. Caminho, então, para o campo da vivência da morte através dos rituais e da escrita para detalhar a construção de Jaffe sobre a transformação dos objetos durante o luto e seu lugar na memória.

Metodologia

A literatura dialoga com a Sociologia e a Antropologia de forma profícua e diversa, trazendo questões, revelando olhares subjetivos e suscitando possibilidades de investigar diversos fenômenos sociais, sendo um espaço legítimo de investigação social (SOARES, 2014). Esse diálogo pode se dar de diferentes formas: como o estudo da circulação de obras, contexto de produção, análise do conteúdo, entre outros modos. Optei, a partir de um olhar antropológico, derivar do relato da escritora sobre a sua experiência com a morte de sua mãe, conexões com diferentes perspectivas teóricas que revelam questões mais amplas e ampliam perspectivas da vivência do luto em judeidades contemporâneas.

Empreguei o método de análise de conteúdo para construir um corpo textual a partir da interação entre imersão na obra literária analisada e nos referenciais teóricos. De acordo com Moraes (1999, p. 3 apud CARDOSO, DE OLIVEIRA e GUELLI, 2021), a Análise de Conteúdo é uma interpretação pessoal por parte de quem pesquisa com relação à percepção que tem dos dados. Não há possibilidade de uma leitura neutra, objetiva e completa, pois os valores e a linguagem do objeto analisado e do pesquisador

exercem uma influência inescapável. Ainda, Bardin (1977 apud CARDOSO, DE OLIVEIRA e GUELLI, p.109-110, 2021) indica que a interpretação via Análise de Conteúdo se dá ao descobrir por detrás do discurso, geralmente simbólico e polissêmico, um sentido não explícito.

Coloquei, dessa forma, trechos lado a lado e me embati entre o relato de Jaffe e diferentes teóricos. Apoio-me, principalmente, nos debates sobre Antropologia da Morte de Van Gennep (1997), Menezes e Campos (2002) e, principalmente, Hallam e Hockey (2001) para abarcar a representação do luto em sua materialidade de objetos e sensações. De forma a acessar as questões relativas à judeidade, realizo um diálogo com Silveira (2021), Blay (2009) e com conceitos de Albert Memmi (1975). Ao acessar a questão da comida, trago o debate de Amon e Menasche (2008) e Montanari (2006).

A morte evoca a judeidade

Antes da morte, talvez seja preciso falar da vida. Noemi Jaffe é filha de judeus *ashkenazim* iugoslavos, da diáspora judaica do Leste Europeu, que chegaram ao Brasil após a *Shoá*⁴, sem recursos e sem falar português. Instalando-se em São Paulo, no Bairro do Bom Retiro, eles partilharam a trajetória comum a muitos imigrantes judeus das décadas de 1930 e 1940 (BLAY, 2009). Lili foi uma sobrevivente dos campos de concentração e extermínio do Holocausto. Em *O que os cegos estão sonhando?* - livro que inclui o *Diário de Lili Jaffe (1944-1945)* traduzido do sérvio -, essa história foi desenvolvida pela escritora em maiores detalhes. De acordo com Silveira (2021, p.42-43), após a libertação, Lili retornou para a Sérvia em busca de parentes, mas não os encontrou. Em seguida, partiu para a Hungria em busca de documentação, deixando o seu diário com as vivências da *Shoá* com Aron, pai de Noemi:

Ele foi atrás dela, em Budapeste, e, como ele tinha uma família grande aqui no Brasil, ofereceu casar-se com ela somente para fins civis. Assim, ela chegaria ao Brasil com a documentação necessária para poder ir para os Estados Unidos. Mas, no meio do caminho, eles se apaixonaram, chegaram aqui e se casaram também no religioso. (JAFJE, 2013 apud SILVEIRA, p.42-43, 2021).

⁴ A palavra *Shoá* (que significa tragédia, em hebraico) gradualmente passou a ser usada no lugar do termo Holocausto a partir da década de 1980 para se referir ao genocídio dos judeus na Europa entre 1938-1945.

A autora cresceu no Bom Retiro, em São Paulo, em uma época em que ele era predominantemente composto por imigrantes judeus. Para Silveira (2021), mesmo não tendo vivenciado a imigração e o desconforto com a língua como a geração de seus pais, há uma “bagagem judaica” nos textos de Jaffe associados a sensação de deslocamento – característica também de outras escritoras da primeira geração nascida no Brasil.

Boa parte da novela sobre luto consiste na recordação da história da mãe: sua chegada no Brasil, seu casamento e vida familiar, suas vontades e suas perdas. A velhice, na opinião da filha, teria feito emergir uma consciência profunda em Lili. Jaffe narra que a mãe costumava contar frequentemente que certa vez, quando já estava há um ano no Brasil e passava pela gravidez de Stella (irmã da autora), decidiu, num ímpeto diante do sufocante matrimônio, sair de casa:

Disse que foi até a esquina, mas, chegando lá, se deu conta de que não tinha para onde ir. Seu irmão morava nos Estados Unidos, tinha roubado os documentos dela, e o restante da família que morava no Brasil era todo do lado do meu pai. Ela não tinha dinheiro, não falava a língua e estava grávida. Voltou para casa esperando ao menos encontrar algum desespero no meu pai, mas nada. Ele não se deu ao trabalho de ir atrás dela porque sabia que ela voltaria (JAFÉ, 2021, p. 64).

Ela fala de uma vertigem diante da imagem da mãe parada no meio de uma rua, sem espaço de retorno viável, em uma fuga nunca realizada. Um impulso pela constatação do futuro que poderia ter acontecido se Dona Lili não houvesse apenas descoberto na velhice os tons da palavra orgasmo. A escritora se encontra nessa lembrança, que faz com que ela mesma se desloque: “Onde está essa esquina? Se eu for até lá, poderei reproduzir esse desamparo? A mãe desamparada no passado. Ir até ela e soprar naquele ouvido a palavra orgasmo” (Ibidem, p.65). As lembranças desdobram-se nos fios de possibilidade do que poderia ter acontecido.

Os elementos do deslocamento citados por Silveira (2021) aparecem nas recordações de Noemi sobre a própria mãe, desde a sua trajetória no Brasil até as suas brincadeiras com a linguagem, que mantinha um sotaque húngaro após décadas no país. Noemi conta que, quando adolescente, insistia em corrigi-la, incomodada com os “erros” da mãe. Agora, após a morte da Jaffe mais velha, ela escreve: “Mas vejo agora como estou

enganada. Não eram erros. Ela prestava muita atenção na língua e nas palavras, mas do jeito dela, não do meu.” (JAFÉ, 2021, p.59). A autora escreve que, depois de adulta, admirava os erros criativos da mãe, tomando-os como pequenas traduções da lógica do sérvio e do húngaro para o português. Na memória e no luto, assim, emergem as formas da linguagem marcadas pela transitoriedade da experiência diaspórica.

Noemi também menciona o pai, que “nunca largou as raízes de imigrante europeu, mais precisamente do interior fundo da Iugoslávia” (Ibidem, p.45), consistente na estética de roupas (calças largas de Tergal, camisa para fora, dinheiro amarrado com elástico no bolso) e na recusa de mudar de bairro para Higienópolis, marco de ascensão social na capital paulista. O teórico e crítico literário Seligmann-Silva (2018, p.161 *apud* SILVEIRA, 2001, p.33), identifica o encontro da judeidade com a “brasilidade” onde há:

[...] um processo de constante costura de fragmentos de memória derivados de uma história plural, antes de mais nada pontuada pelo naufrágio de um mundo passado, pela separação e a perda – experiências essas que são, no nosso caso, congênicas à vivência do imigrante.

Como parte da primeira geração nascida no Brasil, a escritora se encontra entre mundos. Mais do que isso: como filha de refugiados, Noemi dialoga com o espaço em que habitam memórias que desvanecem, especialmente por carregar lembranças que não são somente *suas*. Há um dever na transmissão das memórias que a transpassam. Talvez, um dever impossível de ser plenamente realizável. Ela escreveu, certa vez, que ser filha de sobrevivente contém, em algum lugar remoto e inóspito da memória, a tentação de ter estado no lugar do sobrevivente: desejar salvar a mãe é desejar se libertar da memória do sofrimento da mãe (SILVEIRA, 2001, p.96). Agora, vivendo a trama desse luto, Noemi confessa o medo do esquecimento das memórias da guerra, transmitidas para ela. Se, em vida, a autora habita o constante embate de salvar a mãe através do estar nas lembranças transmitidas verbal e não-verbalmente, o morrer apresenta um outro tom para a angústia do esquecimento.

Nota-se que, para Eva Blay, em uma análise sobre as histórias de famílias de imigrantes judeus, as sinagogas, os museus, a comida, a música, os filmes, os centros culturais, o ídiche, o hebraico, o ladino e o antissemitismo são signos que demarcam o

espaço étnico (2009, p.236). No caso judaico, independentemente da vivência direta de perseguição sistemática e massacres, ela é transmitida de forma intergeracional, e assim a memória social do grupo é reconstruída no campo familiar e comunitário, originando relações sociais a partir das quais os judeus constroem comunidades (com diferenciações, muitas vezes, entre grupos sub étnicos). Como nos lembra o sociólogo Michael Pollak (1992, p.204), a memória é definida enquanto um fenômeno social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças e disputas constantes. A socialização política e/ou histórica informa a identificação com o passado, quase como uma memória herdada, e as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação dela. Ela é informada pelos acontecimentos vividos em primeira pessoa e pelo grupo ou coletividade a qual ela se sente pertencer, sendo definida como “elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (Ibidem).

Ao mesmo tempo, é preciso ressaltar que não só de traumas é composta a identidade transmitida e reconfigurada pelo estabelecimento da família no Brasil; o papel da comida, discutido adiante, evoca isso bem. O conceito de “judeidade” (*judéite*), cunhado pelo escritor e teórico social judeu franco-tunisiano Albert Memmi, é muito útil no nosso caso, pois diz respeito ao modo como se é judeu, subjetiva e objetivamente:

A ‘judeidade’ é o fato e a maneira de ser Judeu; o conjunto das características, vividas e objetivas, sociológicas, psicológicas e biológicas que fazem um judeu; a maneira como vive, a sua inclusão na ‘judaicidade’ [conjunto de pessoas judias] e, simultaneamente, a inserção no mundo não judeu (MEMMI, 1975, p. 45-46 *apud* SILVEIRA, 2021, p. 19).

O conceito de judeidade nos permite considerar pertencimento cultural, experiência subjetiva e condição objetiva de existência. Para Silveira (2021, p.185), a judeidade na escrita de Jaffe é construída na aproximação e no distanciamento da tradição judaica. Em alguns momentos, a autora reforça essa aproximação e, em outros, refuta-a – o que resulta numa intersecção de vozes da qual culmina uma identidade literária própria. Essa possível tensão aparece de diferentes maneiras em seus livros. O caso da presente obra, provavelmente por se tratar de um trabalho de memória, percebemos as judeidades de mãe e filha na costura da história da primeira

entrelaçando-se com o luto da segunda. Ainda assim, a forma como vivem seus judaísmos não é um tema dissecado em si mesmo no livro analisado, uma vez que surge entrelaçado com o próprio atravessar e viver o mundo.

Silveira (2021) indica, a partir de Waldman (2003), como textos contemporâneos judaicos incorporam um duplo movimento de criar referência e apontar para o referente: quem escreve se inscreveria no legado cultural judaico, ao mesmo tempo em que o referente judaico aponta para um vínculo com tradição, religião e comunidade. A obra literária é concebida, dessa forma, como um lugar intertextual de resolução de complexos jogos de equilíbrio, onde paira o “o exílio daqueles que se encontram sempre deslocados no tempo e espaço, enunciados fragmentados, o estranhamento da língua, entre outros aspectos.” (SILVEIRA, 2021, p.36). É perceptível como isso aparece na novela de luto analisada aqui – que fala da escrita de si como sustentação da memória em vida do processo de memorar quem não mais está presente, e as histórias fragmentadas transmitidas por quem nos deixa.

A judeidade é, de certa forma, processual, marcada pelo inacabamento e pela impossibilidade de se dizer sempre o mesmo. No campo espiritual, notavelmente, Noemi reconta que passou a rezar diariamente desde que Lili adoeceu muito, dois anos antes da morte em si, quando a sua possibilidade se tornou uma realidade tangível. Frente ao falecimento da mãe, sentiu que parte de si também morreria e, portanto, nas suas palavras foi inventada “uma crença e um Deus particulares” (JAFJE, 2021, p.90). Um Deus com quem se conversa em hebraico, mesmo faltando muitas palavras, um Deus acolhedor (segundo o pouco que diz saber da ética de Emmanuel Levinas⁵) em contraposição ao Deus judaico de sua infância – masculino e todo-poderoso, distante, mas, ao mesmo tempo, produto invariavelmente judaico dessa mesma contradição. Seu Deus particular, com quem se conversa habitando as suas ambivalências, pode ser vivido à luz das palavras de Amos Oz e Fania Oz-Salzberger (2012, p.9) “na tradição judaica todo leitor é um revisor de originais, todo aluno um crítico, e todo escritor, inclusive o Autor do universo, incorre em grande número de questões.”.

⁵ Emmanuel Levinas (1906-1995) foi um filósofo judeu francês nascido na Lituânia.

Ela elabora o seu próprio altar com uma armação de madeira que achou na rua, que nomeia de “A Escada de Jacó” e um azulejo da cor de terra batida, também encontrado nas ruas, que chama de “Deserto de Moisés”. O simbolismo, em sua elaboração, dialoga com a ascensão ao céu, caminho de consolação, e o deserto como a travessia inevitável – ambos representando, então, a sua mãe. Há também uma placa com a “*Bruchat ha Bait*”, a oração do lar, que Noemi pensa ter vindo de Israel, mas não tem certeza. Entre os objetos encontrados nas ruas, que parecem ter cruzado com seu caminho, afetando-a, e nomeados a partir de histórias judaicas, aproximamo-nos do cotidiano de rezas de Jaffe.

Em uma resenha para a Folha de São Paulo (SILVEIRA, 2021, p.51), Jaffe assume que, sem conseguir encontrar uma síntese possível do que é ser judeu, escolhe como definição a compulsão pela controvérsia. E, na contradição assumida de seu Deus, Jaffe nos conta que o ritual mescla magia, amor e conhecimento, fazendo bem a ela. Se, como a escritora elabora, “O momento presente, enquanto escrevo isso, está cheio de passado, está sendo escrito por ele e é o próprio passado” (2021, p.82), a sua judeidade é constantemente construída pela vida, repleta dos diversos tempos que a atravessa, na mesma medida em que ela a encontra, em suas complexidades e paradoxos.

A comida desempenha um papel relacional entre a memória judaica e o luto pela mãe. A cozinha de Lili era repleta dos sabores migrantes da vida judaica *ashkenazi* perdida do Leste Europeu. No último ato de *Lili: novela de um luto*, a autora nos transporta para o mundo das comidas que a mãe amava cozinhar. Em uma descrição dos pratos que a protagonista fazia, Jaffe apresenta as receitas que chegaram à sua vida pelas mãos de sua mãe: a sopa de neve, o *goulash*, o *krem pita* (um doce folheado das histórias de infância da própria Lili) e o *tchoulnt*⁶. O sabor do *tchoulnt*, Noemi escreve, certamente fará com que se lembre ainda mais da mãe. De acordo com Hallam e Hockey (2001), as sensações corporais, como o sabor da comida, evocam tempos passados e estimulam a memória:

⁶ Geralmente cozido durante a noite por 12 horas ou mais e servido no almoço de *Shabbat*. O *tchoulnt/cholent* foi desenvolvido ao longo dos séculos para se conformar com as leis judaicas que proibem cozinhar durante o sábado. A receita apresentada por Noemi é de um cozido de carne, feijão-branco, batata e ovo.

Escrevendo agora sobre minha mãe e suas comidas **e, a cada prato que descrevo, lembrando o melhor do rosto e dos gestos dela**, de suas expressões, palavras, de sua movimentação pela cozinha e pela sala servindo os pratos na mesa para nós e para o tio Arthur... (JAFJE, 2021, p.104-105, grifo nosso).

Denise Menasche e Renata Amon (2008) argumentam que a relação entre a comida e a memória se fundamenta na ideia de que se a comida tem uma dimensão comunicativa. Tal como a fala, ela pode contar histórias. Esse é o argumento das autoras, para quem a comida é uma forma de narrativa da memória social. Assim sendo, as comidas de Lili Jaffe nos revelam os percursos da imigração judaica do Leste Europeu. Mais do que isso, a preparação dos alimentos, elemento central da cultura, traça seu percurso através da chegada de Lili no Brasil e da continuidade das receitas. Como relata a autora, a sua mãe cozinhava poucos pratos, mas que estão “na minha memória remota e recente como caldos restauradores do corpo e da alma” (JAFJE, 2021, p.99).

Amon e Menasche indicam também que o conceito de voz da comida alude ao seu caráter dinâmico, simbólico e singular: “A comida constituiria, assim, um veículo para manifestar significados, emoções, visões de mundo, identidades, bem como um modo de transformar, pela resolução de conflitos, realização de mudanças, desistências.” (AMON; MENASCHE, 2008, p.17). A voz da comida permite que percebamos, dessa forma, o seu potencial em abordar temas como tradição, etnia, discordância, transitoriedade e identidade. Quando criança, havia jantares de *Shabbat* na casa da autora com sua avó paterna Czarna e seu tio, e desses eventos, ela indica como “(...) esses pratos transformavam a casa num pedaço do Leste europeu” (JAFJE, 2021, p.100).

Como o caldo básico entre comida e memória é cultura (AMON e MENASCHE, 2008, p.15), a judeidade é profundamente afetada pelas des/continuidades no repertório da culinária. Quando a avó de Noemi foi morar sozinha, por exemplo, uma das primeiras coisas que Lili fez foi comprar carnes proibidas pelas leis dietéticas judaicas, a *Kashrut*. Também temos alguns vislumbres das receitas feitas nas festas de *Rosh Hashaná* (Ano Novo judaico) e *Yom Kippur* (Dia do Perdão). Vale mencionar a diferenciação entre comidas do cotidiano e comidas rituais, características de festas e ritos, que muitas vezes assumem o lugar de “pratos-tótem, portadores de grande valor simbólico e, desse modo, marcadores da identidade do grupo” (Ibidem, p.19).

Em *La Comida Como Cultura* (2006), Maximo Montanari nos conta que, tal como a língua falada, os sistemas alimentares contêm e transportam a cultura de quem a prática, guardando as tradições e a identidade do grupo. A culinária constitui um importante veículo de autorrepresentação e de intercâmbio cultural: é um instrumento de construção, manutenção e reinvenção de identidade. Se a comida traz o Leste Europeu judaico para o mesa contemporânea judaico-brasileira de Noemi, ela enfatiza que não pode esquecer da comida e se compromete a buscar as receitas da mãe que não sabe fazer, mas que tem o poder da memória e da sobrevida de Lili Jaffe em si. É preciso, porém, retornar para o sabor ácido do luto.

Vivendo e escrevendo o luto

Noemi diz gostar da ideia de um corpo sendo transformado em matéria orgânica, alimento de outras formas de vida; e nega a separação entre corpo e alma. Ao mesmo tempo, gosta de imaginar a alma de Lili, um pouco de energia, luz ou ar, observando-a e opinando sobre seus atos. Há um espaço aberto para as possibilidades do que é Lili agora: corpo embaixo da terra, película de ar flutuante. Ela indaga-se sobre as conversas que sua mãe poderia estar tendo com outros mortos: “Será que ora por nós, os vivos?” (JAFEE, 2021, p.75).

Como aponta Ribeiro (2017), em certo sentido, há uma partilha entre o trabalho do luto e a própria escrita: o ritmo tantas vezes vagaroso marcado pelo processo, a dialética entre lembrar e esquecer e a reinvenção de si frente à transformação característica da arte e da morte. A escrita de si, dessa forma, encontra um espaço relacional entre escritora e leitores, entre a narradora que se dirige à mãe e que encontra em si mesma uma nova face que vai se formando, radicalmente transformada pela perda. Ainda, também podemos afirmar que as palavras escritas, como formas de representação cultural, possuem importantes dimensões materiais que reforçam suas capacidades de construção de memória (HALLAM e HOCKEY, 2001, p.158). De fato, a palavra escrita é um veículo de memória, inserido nas culturas materiais e possuindo fortes qualidades visuais.

Para Menezes e Gomes (2011, p.96), os rituais funerários, as configurações e as normas do período de luto são orientadas por referências culturais. Na medida em que os rituais revelam valores e crenças compartilhadas, a própria identidade social dos vivos é informada pelo destino dado aos corpos dos mortos e pelas formas de lembrança que são constituídas. Ainda, segundo Van Gennep (1997), o luto é como um estado de margem para os sobreviventes, no qual entram mediante ritos de separação e do qual saem por ritos de reintegração na sociedade. Durante o luto, os vivos e o morto constituem uma sociedade especial, situada entre o mundo dos vivos, de um lado, e o mundo dos mortos, do outro, da qual os vivos saem mais ou menos rapidamente conforme são mais estreitamente aparentados ou próximos do morto. Para ele, “viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer” (VAN GENNEP, 1997). Podemos pensar, assim, a própria escrita desse livro como parte do rito de passagem de Jaffe frente a entrada de Lili no “mundo dos mortos”. O livro em si pode ser um portal para o mundo entre a vida e a morte – não que haja uma separação entre esses campos.

É possível observar o lugar dado ao luto no imediato da morte de Lili. Na medida em que o luto de fato se recolhe para o espaço privado em boa parte da narrativa, ele foi transmutado em palavra e, enfim, em um livro: esse processo adentra radicalmente o espaço público. Nas relações sociais, nos deparamos com a revolta da escritora frente à expectativa de atenuação da dor da perda frente a idade da mãe - que faleceu aos noventa e três anos de uma infecção nos pés -, o que demandaria um luto resignado e privado: “(...) a morte de uma pessoa velha deveria ser como a morte de uma montanha ou de um totem - uma perda monumental, **um abalo na estrutura de uma comunidade**” (JAFÉ, 2021, p.18, grifo nosso). Jaffe escreve sobre o incômodo com a forma como sente que a norma ao redor lida com a morte, em uma separação tão profunda que se encontraria, nas suas palavras, incapaz de presenciar a vida. Ela tensiona uma postura de retorno imediato a uma normalidade separada da presença vívida da morte.

Nas primeiras páginas do livro, ela nos conta como existe uma “aceitação incontornável de um corpo morto” (Ibidem, p.10) guiada por um dever:

Dever, aqui, quer dizer muitas coisas: é uma atribuição da maturidade realista, uma aceitação do ritual necessário de conformação à natureza (esse corpo vai se degradar) e à comunidade (os mortos devem ser enterrados) e uma demonstração de sanidade (não sou louca, não devo me agarrar ao corpo) (Ibidem, p. 11).

Nota-se o caráter relacional de um enterro: é preciso lidar com o corpo a fim de apaziguar a sociedade e garantir uma conduta “adequada”: em um primeiro momento, Jaffe quer se agarrar ao corpo da mãe, sendo censurada por um integrante do *Chevra Kadisha*, a sociedade judaica que cuida dos mortos e do processo ritual de enterro. Na conversa de lançamento do livro com o psicanalista Christian Dunker, promovida pela no canal do Youtube da Companhia das Letras, Noemi comenta que: “(...) quando ela [Lili] morreu, eu ainda tinha muito fresca a memória do corpo dela e, para nós duas, o corpo era muito importante, porque a gente se abraçava demais” (2021). A escrita e as palavras aparecem, então, revestidas de corporeidade diante da ausência dolorosa do corpo da mãe.

O professor de literatura Michael Sheringham desafia a noção de que a lembrança autobiográfica consiste simplesmente na criação de ligações entre passado e presente para uma continuidade biográfica. Para ele, lembrar é encontrar o passado de quem ou o que já se foi – resultando em uma consciência da *diferença resiliente* que distingue o passado vivido do presente percebido (SHERINGHAM, 1993, p.291 apud HALLAM e HOCKEY, 2001, p.104). É, de certa forma, disso que Lili fala ao escrever sobre a vida frente a morte; e ao verbalizar o espaço vazio que desponta e a convoca a escrever como uma “aranha expelindo uma teia”, metáfora que surge no diálogo com Dunker. A autora, então, tece uma rede de memórias que materializará a falecida mãe. Como aponta Juliet Ash, as práticas de memória podem ser entendidas como formas de enfrentamento da perda causada pela morte, que criam conexões com os ausentes e os trazem para o presente, mas, ao mesmo tempo, evocam simultaneamente as lacunas que eles deixaram (ASH, 1996 apud HALLAM e HOCKEY, 2001, p.181). Evocar os mortos é invocar os seus silêncios.

Durante o período de *shiva*, é costume que as pessoas mais próximas de quem falece recebam visitas em casa, e que todos permaneçam sentados no chão, buscando conversar com os enlutados. Noemi, junto das irmãs, seguiram com essa prática judaica,

mas ela conta se frustrar com o que chama de “a ironia daqueles em luto”: distrair as visitas do peso da morte. A escritora também conta que sente falta do “período mágico das rezas na sinagoga” (JAFJE, 2021, p.27). Lá a morte é reconhecida e discutida, justamente através dos procedimentos rituais diante dela.

No judaísmo, quando alguém falece, seu nome passa a ser acompanhado dos dizeres *zichroná le'brachá*, זכרונו לברכה, que a sua memória seja uma benção. Cada vez que se refere a quem se foi, se atualiza o compromisso com a sua memória. A autora conta que a perda foi abordada por um rabino, que a lembrou sobre como quem morre leva algo, também, dos vivos. O acolhimento pode acontecer de forma relacional, como parte de um ritual coletivo que dá substância para o processo de perda. De acordo com Costa (2018), em discussão sobre a construção da memória, é no universo público que se processa a elaboração das memórias coletiva e individual e, no que tange a morte, são esses movimentos que permitem a sobrevida do passado e a vida do futuro. A socióloga destaca como a cultura, as artes e as comunicações dão o instrumental necessário para visibilizar os acontecimentos, inscrevendo-os no espaço público. O livro, dessa forma, como novela ficcional⁷ baseada na realidade vivida, abre um caminho para sedimentar a memória do luto e da vida de Lili Jaffe⁸.

Coisas revestidas de morte e de vida

Por fim, precisamos habitar a materialidade que Lili deixa no ‘mundo dos vivos’, e que é ressignificada através da vivência próxima da morte. No livro *Death, Memory and Material Culture* (2001), as pesquisadoras Elizabeth Hallam e Jenny Hockey escrevem sobre como a vida social das pessoas tem o potencial de permanecer mesmo após a mortes através dos objetos materiais que se tornam elos entre a vida e a morte. Para elas, a ausência envolve materialidades múltiplas, como textos escritos, imagens visuais e objetos materiais. Se, antes da morte de Lili, as suas roupas não passavam de simples

⁷ Em texto para o jornal *O Globo*, Henrique Balbi, doutor em Literatura Brasileira comenta sobre como o livro barra certas categorias literárias. Na própria ficha técnica, temos a classificação de “ficção”.

⁸ Nota-se que esse não é o primeiro movimento da autora quanto a preservar a memória e vida de sua mãe. A publicação dos diários de Lili Jaffe sobre a sua experiência no Holocausto aconteceu quando ela ainda estava viva, envolvendo também a filha de Noemi.

roupas, diante da perda elas adentram um limiar do despertencimento, onde há a possibilidade de se transformarem em parte de uma construção especial e afetiva da memória de Lili Jaffe.

Algumas roupas são escolhidas pelas filhas para guardar, outras vão para doação. A passagem do tempo reside nos objetos que passam a guardar as memórias que a enlutada cria a partir de sua relação com eles. Ela conta que acabou se recolhendo para o quarto da falecida mãe, onde passou o tempo entre as roupas, bijuterias e fotografias de Lili. Podemos chamar esses materiais de ‘objetos-relíquias’, descritos por Ranum (1989, apud HALLAM e HOCKEY, 2001, p.78) como objetos ligados ao corpo com potência de evocar qualidades dos donos, agindo como lembranças. Esses objetos também podem ser associados a espaços privados considerados propícios à contemplação interior.

Noemi descreve o processo de desmontar o apartamento da mãe, que adorava imitações sem muito valor monetário. Não faz sentido, para ela, guardar as roupas pelo seu valor de uso, pois para Jaffe, apenas sua mãe realmente ficava bem as usando. Somente alguns itens são escolhidos pela escritora. Para Hallam e Hockey, “objetos materiais também adquirem capacidades de sustentar relações de memória entre quem sobrevive e quem partiu” (2001, p.26, tradução nossa). Nesse ponto, podemos mergulhar no período de transição apontado por Van Gennep (1977), onde seguida a separação entre vivos e mortos, se constitui um espaço limiar de conexão e reelaboração da relação que vai se constituindo diante da morte. Tanto a pessoa que falece como os seus bens materiais adentram à sociedade do intermédio. Nela, certos lenços e batons, e um penhoar, por exemplo, passam a ser revestidos de uma nova afetividade e sentido. Desmontando o apartamento, Noemi é confrontada com os objetos do cotidiano de sua mãe:

Ir desmontando a casa, ver as coisas dela espalhadas descuidadamente pelo chão e pelas mesas, **ver uma casa morrendo junto com a sua moradora**. [...] Em cada bolsa, em cada bolso de casaco, quase sem exceção um ou mais lencinhos de papel amassados. Eu não lembrava dela assoando nariz o tempo todo. De repente, carinho por esses papéis e a vontade impensável de guardá-los (JAFJE, 2021, p.36-38, grifo nosso).

É notável como a própria ritualização da morte, no processo de sustentar memórias, baseia-se em noções de continuidade corporal com os arredores materiais para possibilitar conexões entre presente e passado. (HALLAM e HOCKEY, 2001, p.195). Escrever, portanto, lugar também provido de corpo, ritmo e movimento, assume protagonismo na medida em que espaços, objetos e próprio corpo de Lili tornam-se “escassos” na vida cotidiana. Há a própria questão dos objetos esquecidos que permanecem presentes ainda que perdidos e à deriva diante da ausência do corpo/eu vivo de seus donos. Haveria uma acentuação das qualidades duradouras e melancólicas de objetos “desengajados”. (Ibidem, p.120). Sobre os objetos, Jaffe escreve:

Vontade de guardar tudo da mãe morte. Pego dois ou três batons poucos usados e passo um deles na boca. Não é uma cor que eu use, mas passarei a usar. Ter na boca a cor dela, o batom que já passou por seus lábios. Fetiche. Amor (JAFJE, 2021, p.38).

O recolhimento para a intimidade também é retratado por Noemi, que conta como viveu o luto atravessada pela continuidade da vida cotidiana. Há uma dificuldade de assimilar a ausência. Agora, ela repara em como todas as pessoas e coisas tem um pó de morte pairando sobre elas, que implica numa ausência de sentido e exacerbação dos mesmos: “As coisas revestidas de morte são também as coisas revestidas de vida” (2021, p.29-30). Na medida em que ela escuta que a vida deve continuar, e segue com suas palestras, aulas e cursos, com as contas a pagar, fazendo carinho no cachorro e vivendo seus dias, conviver com uma ausência que gradualmente passa a ser naturalizada causa um estranhamento.

Há uma tensão, por parte da escritora, diante do processo que a convoca a deixar ir a lembrança viva da morte: “Sei que a ausência vai se transformar em outras coisas com o tempo; é inevitável e dizem que até desejável que seja assim. Mas por enquanto eu me recuso. Não quero essa transformação. Não quero deixar partir a lembrança viva da morte dela” (Ibidem, p.24). Jaffe tensiona a negociação diante da reincorporação no “mundo dos vivos”, com suas normas e práticas cotidianas. Há um incômodo diante de perspectivas de retorno para o comportamento habitual:

Acho que um dos maiores problemas da nossa civilização atual é a separação, e até a oposição, entre vida e morte, incluindo nisso o tratamento que a sociedade reserva aos velhos e aos muitos velhos, àqueles que se avizinham da maldição da morte. Vivemos apartados da dor, da doença e de todos os buracos possíveis. (...) Nosso distanciamento e horror aos buracos vai nos tornando uma sociedade incapaz para a morte e, tenho a sensação, também para a vida (JAFFE, 2021, p. 51).

Jaffe deseja retardar a ação do tempo, que incorpora uma ausência suprimida no cotidiano. Um mês após a morte, também um marco dos ritos funerais judaicos, ela escreve sobre ter *medo da morte da morte*. Ela sente, ao seu redor, uma urgência para se findar o luto: ele não pode ser vivido, a morte deve ser sublimada o quanto antes. O falecimento da sua mãe, então, transforma a sua percepção do tempo, e surge um desejo de viver um passado que não seja só o que já aconteceu, mas o que está acontecendo. Até o próprio passado de Lili, que Noemi não viveu, mas lhe foi transmitido, entra em discussão. Entre os pertences da mãe e suas memórias, Jaffe assume a primeira pessoa e se dirige à mãe na narrativa. A escrita é concebida como uma forma de se manter próxima da morte, de impedir que o luto acabe e as lembranças se desbotem. Escrever é, em certa medida, continuar no mundo entre vivos e mortos, costurando memórias.

Segundo Gustavo Ribeiro (2017, p.1-2), a partir das proposições do filósofo Jacques Derrida sobre herança, todas as pessoas são herdeiras, sendo que mais do que a escolhermos, a herança nos “elege violentamente”. O autor aponta que a dimensão ritual da herança nunca está completa, é preciso de abertura para recebê-la, ao mesmo tempo em que se escolhe o que se deseja deixar viver, ou que não deve continuar conosco. O trabalho do luto, dessa forma, é definido como o complexo e contínuo processo de relação com a herança, isto é, “a relação ambígua entre lembrar e esquecer, que estabelecemos com os nossos mortos” (Ibidem). Podemos perceber esse processo nesse trecho da novela, “E minha mãe, mestra do esquecimento, a quem eu sempre me contrapus como a lembrança insistente, agora me ensina também a esquecer. Me ensina tão bem que o tempo é uma coisa trágica: ele acontece.” (JAFFE, 2021, p.73-74). Resistente ao tempo no qual vive que pede para que ela reconheça a nova posição da mãe, como alguém que “não mais aqui está”, mas reconhecendo a inevitabilidade da transmutação de Lili, Noemi escreve.

A vivência do luto da autora, processo imbricado no ato de lembrar, assim, transforma-se em escrita e dá uma outra corporalidade para essa experiência. De acordo com Sheringham (1993 apud HALLAM e HOCKEY, 2001, p.126), todas as memórias são “outro”, ou seja, sempre se referem à uma ausência e, por extensão, à morte. Referindo-se à Derrida, o autor pontua que lembrar é se engajar e se relacionar com o que já é outro, uma vez que memórias seriam memoriais para o futuro, recuperando o irrecuperável e emergindo como insistência material não-solicitada da perda”. Se a memória em si é um outro, e vemos isso na rememoração da vida de Lili, o que seria narrar a memória desse luto, essa ausência que inscreve a si mesma na busca de afirmar o compromisso com a vida?

Nós acessamos as particularidades da vida de Lili, como seus problemas no casamento com o já falecido pai de Noemi, a sua descoberta do orgasmo após a morte dele. Nós conhecemos, pelos olhares da filha, as memórias dos conflitos de Lili durante a *Shoá* com seus parentes e as suas manias, depois. Na novela, assim, acompanhamos a recuperação e seleção da herança que é escolhida para compor a escrita e, eventualmente, o livro a ser publicado. A persistência da individualidade de quem morre na memória dos vivos indica as relações estabelecidas entre eles, em vida. É uma forma, assim, de enfatizar tanto a permanência da singularidade de cada pessoa que se foi, quanto a manutenção dos vínculos relacionais (MENEZES e CAMPOS, 2011, p.105-106). Sobrevive na memória pública, em alguma medida, a Lili de Noemi.

Há um outro tipo de memória no processo descrito por Noemi, que conta que se percebe gradativamente imitando e incorporando expressões e gestos de sua mãe. Para ela, agora sua mãe vive em seu corpo e em sua memória. Memórias incorporadas dos mortos, que são produzidas por ações dos vivos, podem emergir através de repetições habituais de interações corporais desenvolvidas com eles. Nessa perspectiva, pessoas amadas podem continuar a sua presença através dos corpos daqueles que as sobrevivem. (HALLAM e HOCKEY, 2001, p.43).

Em um ensaio sobre a escrita de si, o filósofo Michel Foucault (1992) aponta que escrever é se mostrar e se expor: é fazer aparecer seu próprio rosto perto de outro rosto. Na medida em que Noemi Jaffe escreve consigo mesma, com a mãe, com objetos e lembranças e, em certa medida, com futuros leitores, encontramos o duplo escrever-

enlutar em um campo que transpassa, ao mesmo tempo em que incorpora, a solidão e a separação modernas frente a morte. "A vida continua, claro, mas agora *com* a morte, com a morte dela, e não apesar ou além disso".

Considerações finais

O presente ensaio objetivou acessar e costurar múltiplas camadas temáticas a partir de diferentes leituras atentas do livro. Entre a primeira leitura, ocorrida antes da ideia de realização dessa escrita, e a última, quando eu já tinha me imergido na bibliografia sobre os temas, muito mudou - afinal, ler é um processo relacional. Toda leitura é singular, pois nossos olhares são constantemente transformados. Entre a materialidade do luto e a sua relação com os objetos, a construção da memória, um vislumbre de judeidades brasileiras, *Lili: novela de um luto* permitiu a abordagem de fenômenos que pulsam entre a vida e a morte.

Viver um luto na escrita, partilhando-o com o mundo, no contexto moderno ocidental que normatiza a reclusão dessa experiência, é um processo que dá outro corpo para a morte. Escrever sobre o próprio luto, parece-me, fez com que Noemi Jaffe pensasse também na própria morte e, se abrir para os afetos gerados por essa leitura tem efeito similar. A morte de Lili não é dissipada e somos incorporadas nesse processo, do luto através da memória e dos objetos que cercam o cotidiano e são parte das sociedades de transição com os nossos mortos. Como trabalho de arte, dessa forma, o livro também pode ser espaço para acessar as costuras que carregamos a partir das nossas próprias perdas, agora, de certo modo, entrelaçadas com as reverberações das lembranças de uma filha sobre sua mãe.

Referências

AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e cultura**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 13-21, 2008.

BLAY, Eva Alterman. Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil. **Tempo social**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 235-258, 2009.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

COSTA, Maria Cristina Castilho. Partidas: luto, ritos e memória. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 7-14, 2018.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Bate-papo sobre o livro “Lili: Novela de um luto”, com Noemi Jaffe e Christian Dunker**. Youtube, 22 de julho de 2021. Disponível em: [Bate-papo sobre o livro “Lili: Novela de um luto”, com Noemi Jaffe e Christian Dunker - YouTube](#). Acesso em 12 de janeiro de 2022.

HALLAM, Elizabeth; HOCKEY, Jenny. **Death, memory and material culture**. Oxford, Reino Unido. Routledge, 2001.

FOUCAULT, Michel. 1992. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Lisboa. Passagens, 1992.

JAFFE, Noemi. **Lili: novela de um luto**. São Paulo. Companhia das Letras, 2021.

MEMMI, Albert. **Le Juif et L'Autre**. Courtry: Christian De Bartillat, 1995.

MENEZES, Rachel Aisengart; DE CAMPOS GOMES, Edlaine. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 89-131, 2012.

MITTMANN, Solange. Discurso e Texto: Na Pista de Uma Metodologia de Análise. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007.

MONTANARI, Massimo. **La comida como cultura**. Asturias. Trea, 2006

OZ, Amos; OZ-SALZBERGER, Fania. **Os judeus e as palavras**. Brasil: Editora Companhia das Letras, 2015.

KOURY, Mauro Guilher Pinheiro. Sofrimento íntimo: individualismo e luto no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 1, n. 1, pp.77-87, 2002.

PINHEIRO, Marjones Jorge Xavier. **Morte e judaísmo: transformações ao longo do tempo em Pernambuco**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

RIBEIRO, Gustavo Silveira. Luto e transmissão na poesia de Leila Danziger. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 59-67, 2017.

SILVEIRA, Josilene Moreira. **Representações da judeidade em Noemi Jaffe**. Mato Grosso do Sul. Editora UFMS, 2021.

VAN GENNEP, Arnold. Os funerais. In: VAN GENNEP, Arnold.. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes. 1977.